

Quatro amores na Escócia

Título original: *Scottish Brides*

Títulos originais dos contos: “Under the Kilt”, “Rose in Bloom”, “Gretna Greene”
e “The Glenlyon Bride”

“O kilt matrimonial” copyright © 1999 por Christina Dodd

“O desabrochar de Rose” copyright © 1999 por Savdek Management Proprietary
Ltd.

“O casamento está no ar” copyright © 1999 por Julie Cotler Pottinger

“A noiva de Glenlyon” copyright © 1999 por Karen Ranney

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado em acordo com a Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos
editores.

tradução: Thalita Uba

preparo de originais: Natalie Gerhardt

revisão: Livia Cabrini e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Evelina Kremisdorf / Trevillion Images

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D668q

Dodd, Christina, 1957-

Quatro amores na Escócia [recurso eletrônico] / Christina Dodd ... [et al.]; tradução de Thalita Uba.
- 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2020.
recurso digital

Tradução de : *Scottish brides*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-017-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título.

20-65468

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

O KILT MATRIMONIAL

Christina Dodd



O DESABROCHAR DE ROSE

Stephanie Laurens



O CASAMENTO ESTÁ NO AR

Julia Quinn



A NOIVA DE GLENLYON

Karen Ranney



Copyrighted image

O KILT MATRIMONIAL

Copyrighted image

UM

Escócia, 1805

— Andra não lhe contou sobre o kilt matrimonial? – Lady Valéry bebericou o uísque terrivelmente forte e aproveitou o calor que a bebida espalhou por suas veias velhas. – Meu Deus, o que você fez para ofendê-la? Os MacNachtans sempre exibem aquele kilt matrimonial para todos, queiram vê-lo ou não.

O fogo aquecia o escritório, as velas iluminavam os cantos escuros, o relógio tiquetaqueava sobre a lareira e Hadden repousava com as pernas esticadas, um retrato perfeito do poder e da graciosidade masculinos.

A imagem impecável da masculinidade ferida.

Lady Valéry escondeu o sorriso atrás do cálice. O garoto – ele tinha 31 anos, mas ela o considerava um garoto – não lidava bem com a rejeição.

– Andra MacNachtan é uma pessoa irracional – disparou ele e olhou de cara feia para o próprio cálice. – Uma cabeça-dura de miolo mole, que não se importa com ninguém além de si mesma.

Lady Valéry esperou, mas o jovem não disse mais nada. Ele apenas tomou um longo gole de uísque, a quarta dose desde o jantar e três a mais do que, como um homem comedido com a bebida, costumava consumir.

– Sim. Pois bem. – Ela retomou seu plano. – O kilt matrimonial é exatamente o tipo de tradição que lhe apetece. Trata-se de um velho farrapo xadrez que, segundo dizem, traz boa sorte aos recém-casados se for enrolado nos ombros dos noivos... – Lady Valéry fez uma pausa dramática. – Não, espere, deixe-me pensar... Se eles beijarem o *sporrán*, aquela bolsinha que eles penduram na cintura... Não, talvez seja algo relacionado à obediência da mulher. Se conseguisse me lembrar da história, eu lhe contaria, e você poderia incluí-la em seu estudo. Mas estou velha, e minha memória não é mais como costumava ser...

Hadden ergueu os olhos azuis, injetados por causa da bebida, e a fitou com irritação.

Talvez ela estivesse exagerando um pouco. Lady Valéry mudou de tática rapidamente, assumindo um tom brusco e direto:

– Bem, nunca me interessei por essas bobagens antiquadas. Eu me lembro dos “bons velhos tempos”: incêndios, antros de bebedeira, doenças venéreas. Não, prefiro minhas conveniências modernas. Vocês, jovens, podem meter o nariz onde não são chamados e afirmar que aqueles dias eram românticos e extraordinários, mas eu discordo.

– Não é apenas a *sua* juventude que estou registrando, Vossa Graça, por mais que queira pensar assim.

Rabugento e sarcástico, observou ela – seu humor usual desde que retornara do Castelo MacNachtan, quase dois meses antes.

– É todo um estilo de vida. Desde a Batalha de Culloden, a Escócia está passando por mudanças. As antigas tradições que existiam desde a época de William Wallace e Roberto de Bruce estão desaparecendo sem deixar rastro.

– Ele endireitou os ombros e se inclinou para a frente obstinadamente. – Quero registrar esses frágeis fragmentos de cultura antes que desapareçam para sempre. Se eu não fizer isso, ninguém mais o fará.

Lady Valéry o observou, satisfeita. Ele era assim, categórico e entusiasmado, praticamente desde o instante em que chegara à sua propriedade escocesa, um menino de 9 anos magricela e assustado. Hadden afeiçoara-se aos campos vastos e à névoa das Terras Altas. Crescera e ficara forte, sempre vagando pelos vales e pelas escarpas, e descobrira nos clãs e nos antigos modos de vida uma continuidade inexistente em sua própria vida.

Não que a irmã dele não tivesse lhe dado um lar – ela dera –, mas nada podia substituir a presença do pai, da mãe e de um lugar para chamar de seu.

Quando lady Valéry o enviara para o Castelo MacNachtan, tinha esperança de que o jovem encontrasse seu lugar lá. Em vez disso, ele retornara silencioso e ranzinza, lamuriando-se de uma maneira que não combinava com seu jeito elegante de ser.

Assim que lady Valéry diagnosticara a mazela que o afligia, decidira colocar tudo nos eixos, e seu plano, como sempre, estava funcionando perfeitamente.

– Compreendo agora. Você está me dizendo, de forma respeitosa, que

não está interessado no kilt matrimonial dos MacNachtans porque ele não é importante. – Ela colocou o cálice na mesa com mais força que o necessário. – Não o culpo nem um pouquinho. Trata-se de uma lenda obscura e um tanto absurda. Além disso, os MacNachtans são um clã em declínio. Pelo que sei, aquela moça, a tal Andra, é a última da geração. Sim, você tem toda a razão – disse ela, como se as palavras tivessem saído da boca dele. – Se não registrar a história *deles* antes que o clã desapareça, isso não terá a menor importância.

Hadden estava prestes a tomar um gole de uísque, mas parou no meio do caminho, e seus dedos apertaram o cálice lapidado.

– O Castelo MacNachtan fica a dois dias de viagem. E o trajeto é bem difícil – resmungou ele.

– É verdade – concordou lady Valéry.

Seu mensageiro levava dois dias para chegar lá, um para encontrar a governanta de Andra e conseguir uma resposta para sua carta, e mais dois dias para retornar.

– As estradas são lamacentas. Os arrendatários são pobres, o castelo está se desintegrando, sendo que nem é um dos melhores, para início de conversa. E Andra MacNachtan é indigente, porém orgulhosa, e tão convencida de sua honrosa ancestralidade escocesa que não consegue enxergar o que está bem debaixo do nariz dela.

Lady Valéry sorriu para Hadden, ciente de que sua isca fora devida e verdadeiramente mordida.

– Então, meu querido, uma mulher desmiolada como Andra MacNachtan *não* tem mesmo a menor importância?

Hadden se levantou. Com mais de 1,80 metro, era um gigante louro, belo, irresistível e tão irritado com lady Valéry que quase se esqueceu de seu descontentamento com Andra.

– Com certeza não deveria ter.

– Quando você parte?

– Amanhã pela manhã.

Ao se levantar, ele jogou o restante do uísque na lareira e observou as chamas se elevarem.

– E é melhor que essa história do kilt matrimonial seja verdade, Vossa - Graça – continuou ele –, pois, se eu for até lá para fazer papel de bobo,

tomarei um navio para a Índia e farei uma nova fortuna, e a senhora não me verá por um bom tempo.

– Você partiria o coração de uma velha senhora?

– Não se ela for uma velha senhora honesta. Agora, se me der licença, vou arrumar a mala.

Ela observou enquanto o jovem se afastava, tão dinâmico, dominador e viril que lady Valéry desejou ter cinquenta anos menos.

– Ah, eu sou honesta – murmurou para si mesma. – Pelo menos em relação ao kilt matrimonial.



– Estourou bem no meio, mas não sei como vou consertar, já que não temos outro cano.

O mordomo de Andra parecia sombriamente satisfeito ao anunciar a catástrofe.

– É claro que foi meu ta-ta-ta-tataravô que o instalou, então é um milagre que não tenha estourado antes.

Andra ficou olhando para a ponta do cano, ainda pingando, que levava água do poço à cozinha. Era, de fato, um milagre que não tivesse estourado antes, e sua cota de milagres acabara havia uns dois meses.

– Causou uma baita inundação – acrescentou Douglas sem a menor necessidade.

Andra ergueu o pé dos cerca de dez centímetros de água que cobriam o piso do calabouço que ela chamava de “adega”, como um eufemismo.

– Eu percebi.

Percebera mais do que isso. Quando o cano estourou, a água atingiu os barris de carne salgada e encharcou as latas de cevada e centeio. Um barril quase vazio que continha os últimos litros de vinho balançava tropegamente de um lado para outro.

O clã MacNachtan atingira o fundo do poço, e ela não fazia ideia de como reerguê-lo das profundezas da miséria e do desespero. Ou melhor, não sabia como iria se reerguer, pois era a última remanescente da família. Queria desistir e já teria feito isso se não fosse por Douglas, que, com seus 60 anos, era muito bom em reparar os infortúnios, pelo menos depois que

parava de se lamentar; pela governanta Sima, a única mãe que Andra tinha desde que a sua morreria, quando ela estava com 11 anos; pela cozinheira e por Kenzie, o homem que tinha uma cegueira parcial e cuidava da estrebaria; e pelos arrendatários e todos os que dependiam dela para mantê-los a salvo dos loucos e dos ingleses.

E quando fizera justamente isso – ao recusar a exigência desprezível de um inglês insano –, eles pareceram decepcionados, confusos ou irritados, dependendo da natureza de cada um. Como se ela, a última dos MacNachtans, devesse realmente se casar com um homem das Terras Baixas. Já era ruim o suficiente que ela...

– Senhorita, como vamos tirar toda essa água daqui?

Andra inspirou, trêmula, sem conseguir responder. Não sabia como tirariam a água dali.

– E como quer que eu conserte o cano?

Andra também não sabia. Só sabia que a vida, sempre solitária e difícil, recentemente se tornara tão complicada que ela não tinha ideia de como conseguia continuar levantando a cabeça do travesseiro todas as manhãs.

Arrancou o lenço suado da cabeça e o usou para secar o pescoço. Estava ajudando a ferver as roupas sujas na cozinha quando a água subitamente cessara. Parecia a arrendatária mais vil e mais pobre que já habitara as antigas terras MacNachtans, e cada parte de seu corpo doía. Ela odiaria que qualquer um a visse naquele estado, principalmente...

– Aquele bom moço, o Sr. Fairchild, saberia o que fazer – afirmou Douglas. – Ele me pareceu entender bastante de canos.

Andra se virou para Douglas com tanta rapidez que provocou ondas na água.

– O que quer dizer com isso?

O mordomo demonstrou surpresa e assumiu uma expressão de exagerada inocência.

– Nada... Apenas que ele parecia entender de tudo. Até de canos.

Ela fechou os olhos para não ver o ar de deboche no rosto enrugado do mordomo. Não devia ter esboçado reação ao ouvir o nome de Hadden, mas Douglas a estava provocando desde...

– Ele não está mais aqui, está? Então teremos que nos virar sozinhos.

Andra manteve o tom de voz equilibrado e suave, duas coisas que tinha dificuldade em conseguir nessas últimas semanas.

Douglas assentiu.

– Pelo menos desta vez não está guinchando como um Kelpie.

Andra sentiu a irritação crescer ao ser comparada à criatura que, segundo a lenda, habita os lagos escoceses. Ela se virou de costas, supostamente para analisar o cano, e se deu conta do verdadeiro desastre que tinha diante de si. Uma parte inteira estourara, o cobre antiquíssimo desgastado por 150 anos de água corrente.

Explodido. Estourado. Desgastado. Como tudo no Castelo MacNachtan. Ela e todos sob os seus cuidados estavam vivendo em uma relíquia prestes a ruir, e as coisas pioravam a cada dia. Todos esperavam que Andra fosse a salvação, mas o que uma solteirona de 26 anos poderia fazer para reparar as pedras ou fazer crescerem as plantações?

Atrás dela, Andra ouviu o tamborilar dos passos de Sima descendo as escadas e o sibilo dos pés de Douglas caminhando em meio à água. Ouviu vozes cochichando e engoliu em seco para desfazer o nó na garganta. Um nó que sentia com cada vez mais frequência nos últimos dias.

– Senhorita – chamou Sima com a voz mais suave e gentil que emitira em muitos dias. – Não se estafe por conta disso. Teve um dia difícil. Vá para o seu quarto. Preparei um bom banho de banheira, bem quente.

– Um banho de banheira?

Para seu próprio embaraço, a voz de Andra vacilou. Colocando a mão no pescoço, ela se recompôs antes de voltar a falar:

– Ainda nem está na hora do jantar.

– O jantar vai estar pronto quando a senhorita sair do banho, e estamos planejando uma bela refeição. Bolinho de batata da Mary, saído quentinho do forno, e um pouquinho de frango de panela. Talvez eu faça seu prato preferido.

Mais tarde, Andra percebeu que a menção ao frango deveria ter lhe servido de alerta. De modo geral, as únicas vezes que Sima permitia que uma galinha fosse morta eram quando alguém ou a própria galinha estava doente.

Mas, naquele momento, tudo o que Andra queria era água quente e a ilusão de conforto.

– Sopa de frango com alho-poró?

Virando-se, ela fitou a mulher magra e de rosto sisudo que sempre cuidara dela.

– Exatamente – assentiu Sima.

Então Andra permitiu que a levassem até seu quarto para ser banhada com o último pedaço de sabonete francês com aroma de rosas que ainda possuía. Sima lhe entregou seu único par de meias de seda e Andra o calçou, bem como as ligas com uma flor de renda no laço. A anágua branca farfalhava enquanto Sima a prendia na cintura da jovem. Andra ergueu os braços para que a governanta a vestisse com seu melhor vestido de fustão rosado. Os cabelos pretos e lisos foram presos no alto da cabeça em um penteado elegante e, como toque final, Sima envolveu os ombros de Andra com um xale de renda belga.

A jovem permitiu tudo isso sem protestar, imaginando que estava sendo mimada como uma criança.

Na verdade, estava era sendo preparada como um cordeiro para o sacrifício.

E Andra só percebeu isso quando entrou na sala de jantar iluminada pelas velas, com sua mesa intimista e coberta pela toalha de veludo posta para dois, e o viu.

Hadden Fairchild, estudioso, inglês – e seu primeiro e único amante.

DOIS

Andra não chegou a sibilar quando viu os ombros largos de Hadden apoiados na cornija da lareira, mas se permitiu um breve suspiro de exasperação com uma pitada de autodefesa. Ele estava ali, sem dar o menor indício da longa jornada que fizera, vestido de forma impecável com paletó, calça, gravata e colete, a imagem da sofisticação londrina. O homem em si – grande, elegante e forte – parecia atrair o fulgor da lareira e refleti-lo no brilho dos cabelos louros, no calor da pele dourada e na luminescência dos olhos azul-acinzentados.

Maldito. Ele precisava desafiá-la com seu semblante, seu vigor e sua habilidade óbvia de se sentir em casa ali no castelo *dela*?

Sima colocou a mão no meio das costas de Andra e a empurrou, fazendo com que entrasse na sala cambaleando e quase caindo de joelhos.

– Por favor – disse ele com ar de superioridade e um sotaque londrino carregado –, não precisa se ajoelhar. Basta uma breve reverência.

Na mesma hora, ela evocou a entonação comum das Terras Altas, esperando irritá-lo:

– O senhor é insuportável.

– Sim. – Ele conseguia fazer um sotaque escocês ainda mais carregado que o dela. – Tanto quanto uma moça que não demonstra o menor bom senso.

Hadden parecia mais decorativo do que útil, mas era melhor que ela em tudo o que fazia. Trocar uma roda, fazer o parto de um filhote, cavar um poço, acalmar os temores de uma criança, escrever uma carta, amar uma mulher sem hesitação... Sem dúvida, também conseguiria consertar um cano. Mas ela, Andra MacNachtan, das Terras Altas dos MacNachtans, não precisava ficar ali para ser espectadora da competência infinita e exasperante dele.

Com um floreio, Andra enrolou o xale no pescoço e se virou, pronta para

voltar para o quarto ou para a adega, ou para qualquer outro lugar onde Hadden Fairchild não estivesse.

Mas se deparou com Sima, que lhe ensinara tudo sobre hospitalidade e boas maneiras e, agora, estava apontando o dedo para ela de forma tão austera que Andra se sentiu acuada. Relutante, obedeceu àquela ordem muda e poderosa e se virou para o hóspede. Esperava ver Hadden sorrindo para Sima, em um agradecimento silencioso por obrigá-la a se submeter às regras da educação. Mas ele não sorria e certamente não olhava para Sima. Sua atenção permanecia fixa em Andra, como um lobisomem farejando sua parceira.

Só porque o corpo de Andra o reconhecia e o apreciava em um nível primitivo, isso não significava que ela fosse sua parceira. Aquela doçura, aquele tremor, aquele desejo de se atirar nos braços dele em busca de abrigo – aquilo tudo não passava de uma leve fraqueza diante do homem que lhe ensinara o que era a paixão. Não importava que ele a dominasse sem precisar abrir a boca; Andra MacNachtan não era boba e não obedeceria.

Afastando a exaustão, ela disse com a voz permeada de falsidade:

– Sr. Fairchild, que bom que veio nos visitar novamente. O que o traz de volta a esta região das Terras Altas tão pouco tempo após sua última visita?

Ele se empertigou, afastando-se da lareira e dando um passo na direção dela.

– Você mentiu para mim.

A acusação direta a abalou. É claro que mentira, pois era uma questão de autopreservação. Mas como ele tinha descoberto?

– De que está falando?

– Do kilt matrimonial.

As mãos cerradas, ocultas nas pregas da saia, relaxaram ao ouvir a resposta.

– O kilt matrimonial. O kilt matrimonial dos MacNachtans?

– A senhorita conhece algum outro?

– Não – respondeu ela, relutante.

– E esse kilt realmente existe?

Com ainda mais relutância, Andra admitiu:

– Existe.

– E a senhorita pode me dizer por que não me contou nada sobre ele,

considerando que sabia que eu estava aqui a pedido de lady Valéry para aprender sobre as tradições escocesas e registrá-las?

Hadden se aproximou silenciosamente, sua sombra encobrendo Andra e a fumaça da lareira o seguindo como se quisesse acariciá-lo, e continuou:

– A senhorita me contou sobre a rocha na colina, supostamente ali colocada por gigantes. Também falou sobre o poço dos desejos, do qual os fantasmas emergem no Dia das Bruxas. Coisas tão comuns na Escócia que não são dignas de nota. Mas sobre o kilt matrimonial... a senhorita nada disse.

É claro que não dissera nada. Os quatro dias que ele passara com ela foram um período à parte da realidade e das obrigações diárias. Durante quatro breves e mágicos dias, não se importara com as obrigações que tinha, como uma verdadeira líder deveria fazer. Só tivera olhos para Hadden e para os sentimentos que ele despertara nela.

Não era amor. Andra conhecia o amor. Amor era o que sentira pelo tio antes que ele fosse exilado daquelas terras, pelo pai e pelo irmão antes que fugissem para a América, e pela mãe antes que ela morresse de sofrimento.

Tinha sentido uma emoção diferente – despreocupada, cheia de riso e de paixão inesperada. Pouco importava o fato de que ele inevitavelmente iria embora; só desejara aproveitar o momento perfeito antes que fosse tarde demais e acabasse morrendo velha, virgem e esmagada pelo peso dos próprios fardos.

– O kilt matrimonial...? – insistiu ele.

Ela ergueu o queixo e o encarou. Hadden estava perto demais. Andra conseguia ver cada fio de cabelo bem aparado, penteado e úmido. Conseguia sentir o cheiro de urze, couro e sabonete. Percebia a fúria que ardia dentro dele, alimentada pelo desejo que nutria por ela. Andra sentiu todos os pelos se eriçarem, mas não se afastou nem ousou desviar o olhar. Ela não lembrava que Hadden era tão alto e nunca pensara que um dia teria medo dele.

Mas tinha.

– Não me lembrei.

Uma mentira que ele percebeu.

– Não se lembrou – repetiu Hadden. – Não se lembrou do orgulho dos MacNachtans?

– Não.

Outra mentira.

Mas era melhor do que confessar a própria e leviana decisão de nunca pensar em casamento, de nunca falar em casamento e, principalmente, jamais sonhar com um casamento e pensar em dividir a vida com um homem que estaria ao seu lado para sempre... Ou até que outra perspectiva surgisse.

– Por que eu me lembraria daquela coisa velha? – continuou ela. – Está escondida em algum lugar dentro de um baú. Nunca penso nisso.

– Lady Valéry disse que os MacNachtans exibem o kilt para todos os convidados.

– Eu não exibo.

Teria sido melhor se tivesse dito isso olhando para Hadden. Mas o brilho azul dos olhos dele a queimava e ela acabou desviando o olhar.

– Covarde.

Hadden apenas sussurrou a palavra, mas ela ouviu. Ouvia tudo o que ele dizia, mas não conseguia ouvir tudo o que pensava. Não eram tão sintonizados assim. Ela não permitiria que fossem.

O silêncio se estendeu. Viu quando ele ergueu a mão para tocar o rosto dela, como adorava fazer. Os dedos tremiam, como se estivesse lutando contra o desejo de tocá-la. Lutando tanto quanto ela lutava contra o desejo de ser tocada.

Passos do outro lado da porta fizeram com que se afastassem abruptamente. Sima entrou na sala, seguida por duas criadas sorridentes. Uma carregava uma terrina de sopa, e a outra, uma cesta com os prometidos bolinhos de batata. As criadas colocaram a comida no centro da pequena mesa redonda enquanto Sima assimilava a cena que se desenrolava. Andra pensou ter ouvido um breve suspiro de exasperação antes de a governanta desembestar a falar:

– Sentem agora, os dois, e aproveitem bem a minha sopa de frango com alho-poró. Ainda vai demorar para amanhecer e a subida até o topo da torre é longa.

Perplexa, Andra perguntou:

– A torre? Por que a torre?

– Porque foi lá que guardamos o kilt matrimonial, ora essa!

– Anda ouvindo atrás da porta novamente? – indagou Andra.

– De forma alguma – respondeu Sima, arrogante e desdenhosa. – O Sr.

Fairchild estava conversando comigo e me contou o motivo de seu retorno. Fiquei chocada ao saber que não havia mostrado a ele o kilt.

Chocada. Havia anos que nada chocava Sima. Mas, na primeira visita de Hadden, a governanta tinha deixado bem clara sua lealdade a ele. Isso pode ter acontecido porque ele deliberadamente se dedicou a cativá-la – bem como a todas as outras mulheres da propriedade.

– Eu gosto de mulheres – dissera ele. – Em especial mulheres fortes e hábeis. Minha irmã é assim. Lady Valéry é assim. E a senhorita, lady Andra... A senhorita também é assim.

– Vigorosa, essa sou eu – respondera ela com toda a animação que ensinara a si mesma.

– Vigorosa? Nem um pouco. – O olhar dele a analisou com o cuidado de um perito. – A senhorita parece quase delicada.

Sima interrompeu com toda a presunção de que era capaz.

– Ela trabalha duro demais. Precisa de um homem.

Andra mal conseguiu conter seu horror.

– Sima!

Hadden apenas dera um sorrisinho de canto de boca.

– Um homem para cuidar dela e fazer o trabalho pesado. Eu concordo plenamente.

Depois daquilo, Sima não se importou mais com o fato de ele ser estrangeiro. Ela e todas as outras criadas tolas deixaram clara sua adoração.

Então, quando Andra o mandou embora, Sima também deixou clara sua opinião sobre a burrice e a insensibilidade daquela decisão, ousando inclusive insinuar que Andra usava a indiferença para acobertar uma fraqueza.

Um disparate, é claro. Andra era forte. Autossuficiente. Não precisava de ninguém. De ninguém.

– Eu também contei a ele que a senhorita não tem nenhum bebê a caminho. Ele pareceu bastante preocupado com isso. – Com um sorriso forçado, Sima observou o rubor subir pelo rosto de Andra. – Embora por que ele deveria se preocupar, uma vez que a senhorita não é casada, esteja além da compreensão desta velha aqui.

Além de sua compreensão, certamente. Sima entendia a natureza e os desejos humanos com bastante clareza, e Andra não tinha a menor dúvida de que a velha senhora estava tramando alguma coisa. Mas Andra não